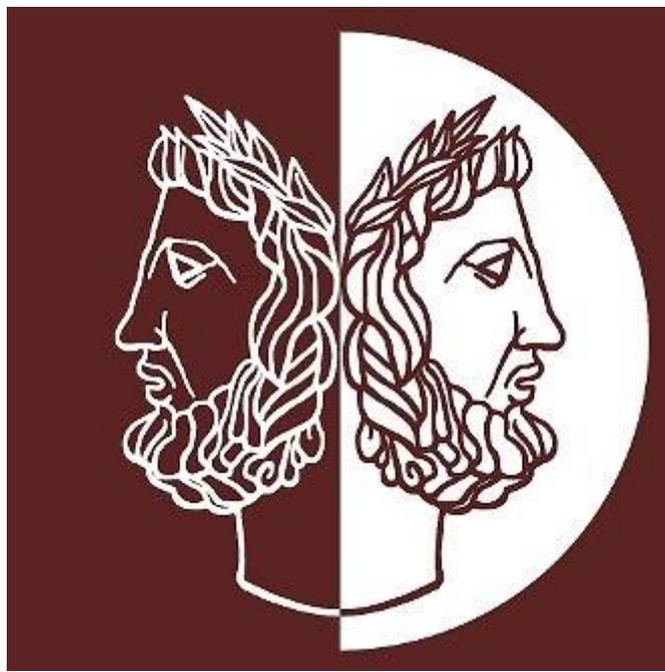


# Workshop internacional *'Esquerda'?* *'Direita'?*

**14-15 de dezembro de 2021**

**(ao vivo no YouTube)**



## **Universidade Federal de Goiás (UFG/FAFIL)**

**Organizador: Fabien SCHANG**

### **Palestrantes**

Patrick CHARAUDEAU (Universidade de Paris XIII)

Denis COLLIN (Universidade Popular de Evreux)

Philippe FABRY (Barra de Toulouse)

Laurent LOTY (CNRS)

Iago MORENO ÁLVAREZ (Universidade de Cambridge)

Pierre OSTIGUY (Universidade de Valparaíso)

Ian PARENTEAU (Royal Military College of Canada)

Mark R. REIFF (Universidade de California, Davis)

Fabien SCHANG (Universidade Federal de Goiás)

Carola SCHOOR (Universidade de Leiden)

### **Programa (Horário de Brasília, GMT-3)**

#### **Terça 14 de dezembro**

10:00-10:30	Abertura do workshop	
10:30-11:30	Patrick CHARAUDEAU	<i>O discurso populista como uma confusão de questões políticas</i>
11:30-12:30	Denis COLLIN	<i>Esquerda-Direita: categorias políticas inutilizáveis</i>
12:30-13:00	Pausa	
13:00-14:00	Philippe FABRY	<i>Proposta de um modelo dinâmico universal da divisão política</i>
14:00-15:00	Ian PARENTEAU	<i>A trajetória ideológica do populismo. As razões estruturais e ideológicas para o aumento contemporâneo da crítica das elites</i>
15:00-15:30	Pausa	
15:30-16:30	Iago MORENO	<i>A transversalidade do populismo e a natureza contingente da distinção esquerda-direita</i>
16:30-17:00	Discussão com o público	

#### **Quarta 15 de dezembro**

10:00-11:00	Pierre OSTIGUY	<i>Eixos de polarização política e 'arcos políticos' conectando esquerda(s), populismo e direita(s)</i>
11:00-12:00	Laurent LOTY	<i>Fazendo a história das palavras que cegam, escapando ao maniqueísmo, liberando a imaginação política e jurídica</i>
12:00-12:30	Pausa	
12:30-13:30	Mark R. REIFF	<i>Indo além da distinção esquerda-direita</i>
13:30-14:30	Fabien SCHANG	<i>Uma abordagem pragma-semântica da clivagem esquerda-direita</i>
14:30-15:00	Pausa	
15:00-16:00	Carola SCHOOR	<i>O espectro esquerda-direita em relação ao populismo, elitismo e pluralismo</i>
16:00-16:30	Mesa redonda	<i>Qual esquerda, qual direita para amanhã?</i>
16:30-16:45	Encerramento do workshop	

Patrick CHARAUDEAU

### **O discurso populista como uma confusão de questões políticas**

O populismo cresceu consideravelmente na Europa nos últimos anos (pelo menos nos comentários), a ponto de os políticos rotularem a maioria dos partidos políticos adversários de populismo. Quanto às análises, longe de esclarecerem a questão, tornam-na mais complexa atribuindo vários qualificadores, entre os quais: populismo 'étnico' e 'reacionário', 'identidade nacionalista', 'nacionalista-autoritário', 'neoliberal', etc.

Já conhecemos as principais características do discurso populista: *discurso de vitimização* que descreve o colapso da sociedade de que as pessoas são vítimas (degradação social, desemprego, desnacionalização, expropriação da identidade); *discurso de denúncia* do bode expiatório do colapso (imigração, invasão); *discurso de satanização dos culpados* estigmatizando os responsáveis pelo compromisso (a classe política); *discurso de apelo ao povo*, construindo uma imagem do líder fundindo-se a ela e apresentando-se como um salvador providencial.

Nesta intervenção propomos descrever, não tanto o discurso dos teóricos do populismo (que recordaremos), mas o discurso da 'oferta política', tanto da esquerda como da direita, sob as suas duas vertentes de estratégia enunciativa e de conteúdo ideológico, e aquele de 'demanda social'. Ao observar esses discursos, ao apontar os pontos em comum e as diferenças, isso nos levará a mostrar como o discurso populista *turva* as questões políticas tradicionais.

Denis COLLIN

### **Esquerda-Direita: categorias políticas inutilizáveis**

Em 1998, o filósofo marxista italiano Costanzo Preve publicou um livro intitulado *Destra e Sinistra. La natura inservibile di due categorie tradizionali* ("Direita e Esquerda"). A natureza inutilizável de duas categorias tradicionais", Editrice Petite Plaisance). Este livro foi uma resposta (indirecta) à *Destra e Sinistra* de Norberto Bobbio, publicada em 1994, que defendia a relevância desta distinção. Perry Anderson, na Nova Revelação de Esquerda, tinha criticado Bobbio, salientando que as etiquetas duram muitas vezes muito depois de terem perdido todo o significado político. Em Roma, os apoiantes das diferentes equipas de carruagem tinham cores distintas. Os Verdes eram apoiados pelo povo e a aristocracia apoiava os azuis. Estas divisões entre o verde e o azul sobreviveram na Bizâncio, mas tinham perdido o seu significado social original.

As categorias em que nos habituámos a pensar na política durante mais de dois séculos precisam de ser seriamente reexaminadas. Para pensar, precisamos de categorias tal como para falar, precisamos de substantivos, verbos, adjectivos e outros termos gramaticais. E para pensar em política, precisamos de categorias políticas. Mas eles têm de ser úteis, ou seja, têm de ajudar a esclarecer o que estamos a dizer. Este já não é obviamente o caso com as palavras 'direita' e 'esquerda'.

Direita e esquerda, tem sido dito frequentemente, referem-se a uma geografia parlamentar que remonta à Revolução Francesa: em 1789, os apoiantes do veto real estavam à direita e os seus opositores à esquerda. Autoridade versus liberdade, poder real versus democracia, o cenário estava a ser preparado. O movimento operário, por outro lado, esteve, desde os seus primeiros passos, fora desta divisão, o que acabou por dizer respeito apenas às classes dominantes. Foi com o caso Dreyfus que as coisas mudaram. Os socialistas, na sua maioria republicanos, aliaram-se aos radicais, que também se autodenominavam "radicais socialistas", apoiantes da propriedade privada dos meios de produção, mas prontos a introduzir numerosas medidas correctivas para evitar que os antagonismos de classe dilacerem o país. A aliança selada na viragem do século com o primeiro governo em que participaram socialistas (Millerand) foi a verdadeira certidão de nascimento desta esquerda reformista que iria desempenhar um papel tão importante durante o século XX. Até ao final dos anos 80, a divisão direita/esquerda também se cruzou com uma divisão de classes: as classes trabalhadoras e a burguesia "iluminada" contra o capital financeiro e a reacção. Processos semelhantes serão encontrados na maioria das principais nações capitalistas desenvolvidas. Foi isto que terminou no final do século XX com o fim dos partidos comunistas, a decomposição dos partidos social-democratas e a criação de novos magmas centristas como o Novo Trabalho de Tony Blair ou a polícia italiana.

É urgente deitar vinho novo em odres novos e reexaminar tudo isto à luz da evolução das classes sociais.

Philippe FABRY

### **Proposta de um modelo dinâmico universal da divisão política**

A divisão política é um fenômeno que afeta qualquer comunidade política constituída. Não é um fenômeno moderno - apenas o termo 'esquerda-direita' é. Muitos trabalhos foram escritos sobre esta questão, modelos foram propostos, tentando distinguir o que faria a essência da direita e da esquerda, e determinar o que dita a colocação de uma ideologia à esquerda ou à direita do espectro político. Nenhum conseguiu se afirmar totalmente, permanecendo pontos cegos em todas essas abordagens.

O objetivo desta contribuição é apresentar o modelo recentemente exposto em um livro, um modelo universalmente aplicável, tanto no espaço como no tempo, a qualquer comunidade política. A principal originalidade deste modelo é que é dinâmico e, portanto, leva em conta não só a estrutura da clivagem política (2/3 moderado - 1/3 radical) do movimento de ideias da esquerda para a direita (*sinistroyre*) e a articulação/sucessão de grandes ideologias, dissociando os conceitos de ideias e sensibilidades políticas. Também dá conta dos dois principais fatores de posicionamento na clivagem identificados pela literatura (disposição psicológica, Tuschman; posição socioeconômica) e explica sua articulação. O modelo também incorpora a ideia remondiana das três direitas, que aprimora em um nível teórico, tornando-o aplicável fora da sociedade francesa e expondo sua contraparte para a esquerda. Por fim, valida a ideia de igualdade de Bobbio como o foco da esquerda.

Este modelo é poderoso, aplicável a qualquer sociedade política, a qualquer momento, e lança luz sobre as principais questões políticas atuais: fenômeno populista, conluio de extremos, interseccionalidade, etc.

Laurent LOTY

### **Fazendo a história das palavras que cegam, escapando ao maniqueísmo, liberando a imaginação política e jurídica**

Proponho abordar as ideias de esquerda e direita fazendo história, ou melhor, fazendo história das palavras ‘esquerda’ e ‘direita’, de sua emergência, de seu sucesso, do deslocamento de seus significados: a história de seus usos.

Apresentarei a história dessas palavras à medida que Marcel Gauchet tentava reconstruí-la em um artigo publicado em 1992, logo após a Queda do Muro, e que ele acaba de reeditar em uma versão concluída em outubro de 2021. Esta investigação está em andamento através da história das palavras é muito esclarecedora, mas também é orientada por uma perspectiva que pode ser cega e que por sua vez merece ser criticada e reinterpretada. As palavras não são apenas parte dessa ‘ferramenta mental’ que nos permite pensar, para usar a expressão de Lucien Febvre. Existem também muitas palavras pelas quais pensamos estar pensando e que, precisamente, nos impedem de pensar. As palavras ‘esquerda’ e ‘direita’ estão entre aqueles termos cuja história veio para nos enganar. Nesse caso, um processo histórico de identificação maniqueísta e submissão à lógica partidária produziu um bloqueio de pensamento e imaginação. Se parece interessante dispensar as palavras ‘esquerda’ e ‘direita’ para pensar o que queremos, e para despertar a imaginação política, permanece o fato de que o sucesso passado desses termos é, por um lado, o efeito de o poder do maniqueísmo no pensamento como na ação e, por outro lado, a expressão de um sistema de eleição que combina dualismo e gradualismo na imaginação política como nas instituições jurídicas.

Tentar fugir ao uso desses dois termos supõe, portanto, também questionar as possibilidades de fuga de um pensamento maniqueísta, questão de natureza quase antropológica e, em todo caso, relativa a uma longa história, das religiões, da moral e, finalmente, da política. Outra forma de abordar a questão poderia ser, de forma muito pragmática, imaginar outros modos de eleição além dos mais comumente praticados, pelo menos na França. Os modos de eleição podem, além das palavras, herdar profundamente as formas de abordagem da política ou, por sua vez, estruturá-las sem que nos dêmos conta. Tal perspectiva de distanciamento mental e transformação jurídica pode talvez não se limitar a ligeiras transformações formais dentro da estrutura de uma concepção comum de democracia, mas estar correlacionada com outras formas de pensar e organizar a sociedade. Democracia, também em outras formas de conceber e articular democracia, economia e cultura.

Iago MORENO

### **A transversalidade do populismo e a natureza contingente da distinção esquerda-direita**

A miopia eurocêntrica da academia ocidental reificou a distinção esquerda-direita como um eixo supostamente objetivo, natural e universal capaz de explicar as fontes essenciais do conflito político em conjunturas históricas e contextos regionais de um tipo muito díspar. No entanto, as marés de mudança política impulsionadas pelas ondas progressistas e reacionárias de populismo que varrem o mundo provaram essa concepção ossificada da distinção esquerda-direita como um preconceito equivocado, revelando como outras clivagens (ou seja, o eixo vertical da política populista) uma força potencialmente tremenda para redesenhar as linhas de antagonismo dentro do campo social. De um lado, a montagem de temas políticos amplos por meio de um corte transversal discursivo da distinção supostamente indelével entre esquerda e direita; de outro, evidenciando tal eixo como distinção absorvida ou internalizada pela lógica da diferença do neoliberalismo (no sentido laclausiano do termo). Vis-à-vis a experiência de PODEMOS e VOX na Espanha, minha apresentação irá recorrer a um exame da erupção política dessas duas forças populistas antitéticas (geralmente descritas como concorrentes ‘da esquerda’ e ‘da direita’) para evidenciar as limitações de tal distinção; não apenas como um quadro para pensar a crise orgânica do regime constitucional espanhol de 1978, mas para examinar a dinâmica política mórbida do colapso do neoliberalismo. Como será comprovado, ambos os casos fornecem exemplos esplêndidos de atores cuja emergência abrupta como forças anti-estabelecimento proeminentes foi caracterizada por uma refutação explícita e controversa da distinção esquerda-direita como uma ‘divisão passada de moda’ ou um ‘jogo de tolo’ e a exploração de imaginações/articulações alternativas do político (por exemplo, povos versus castas, cidadãos nacionais privados de direitos contra elites globalistas enriquecidas). Isso torna seu exame uma oportunidade valiosa para compreender os limites e fraquezas da distinção esquerda-direita ou seu significado decrescente para compreender o curso da política contemporânea.

Para cumprir esta tarefa, defenderei as potencialidades de pensar o populismo como um fenômeno ‘transversal’ dotado de qualidades privilegiadas para revelar ou iluminar o caráter contingente e frágil da distinção esquerda-direita. Para tanto, recorrerei à concepção de ‘transversalidade’ (em espanhol: *transversalidad*) teorizada por autores pós-gramáticos como Iñigo Errejón ou Álvaro García Linera. Um conceito usado para compreender as aspirações contra-hegemônicas de antagonistas populistas que buscam ‘chutar o tabuleiro de xadrez’ (conforme formulado pelo intelectual peronista-gramático John William Cooke) em vez de jogar limitado pelas regras (ou seja, as clivagens, distinções e sistemas fundamentais de diferenças) definidas pelo discurso hegemônico e pela distribuição das peças de um ‘jogo’ iniciado por outros.

Em última instância, minha proposta será conceber o eixo esquerda-direita como uma distinção historicamente sedimentada com um significado contingente e decrescente. Em outras palavras, uma distinção politicamente superável que certamente será questionada e cruzada pelos principais fenômenos políticos de nosso futuro imediato; um horizonte antecipado por fenômenos como o Movimento 5 Estrelas italiano, o Bukelismo salvadorenho ou o Obradorismo do México, entre outros.

Pierre OSTIGUY

### **Eixos de polarização política e ‘arcos políticos’ conectando esquerda(s), populismo e direita(s)**

Esta intervenção apresenta a transformação das tensões sociais pré-políticas, sociológicas, mas também psicológicas e em termos de autoridade, em eixos de polarização política, observáveis, dentro de uma sociedade. Entre esses eixos, dois aspectos bastante diferentes da famosa tiara esquerda-direita desempenham um papel crucial. Essa abordagem é ‘espacial’ no sentido dos escritos de Laponce (1981), que nos familiarizou com a transformação da base sociológica em esquerda política, da Revolução Francesa, e com a transformação da alta social em direita política. No entanto, a política (em termos de esquerda e direita) não pode ser reduzida a atitudes para com os ricos, o Príncipe e Deus, como faz Laponce. O medo da entropia, a distopia do colapso da ordem, o medo de pessoas miseráveis que querem se apoderar da minha propriedade também desempenham, em um nível sócio-psicológico elementar, um papel central na atração –por medo como o desejo– por ‘a’ direita. Certas considerações sócio-psicológicas também jogam a favor da esquerda.

Teórica e empiricamente, sustentamos, como Laponce, que existem *invariáveis*, com conteúdo histórico concreto variável, da ‘esquerda’ e da ‘direita’. Empiricamente, a análise política sublinhou fortemente a existência repetida de *duas* tiaras esquerda-direita, parcialmente ligadas: uma relaciona-se com a distribuição da riqueza, a questão das desigualdades socioeconômicas, direitos de propriedade, etc. trabalho, etc. e a outra, no nível de autoridade e homogeneidade socialmente necessária para manter uma determinada ordem social ou –inversamente e no que diz respeito à autoridade– no nível de deliberação e consulta necessária para chegar a decisões legítimas. Em um nível menos abstrato, esta segunda tiara se relaciona com o nível de permissividade possível em assuntos como homossexualidade, imigração, diferenças culturais, uso de drogas recreativas, delinquência, costumes, etc.

Estas duas tiaras assumem para nós a forma de dois eixos (que podem incluir, cada um, claro, um centro). Mas eles estão longe de abranger a representação política completa das diferenciações sociais –especialmente em termos de capital econômico e simbólico. É aqui que entra a questão do populismo, constituído, por sua vez, por três diademas (Ostiguy 2017), aqui intimamente ligados entre si. No total, obtemos conseqüentemente cinco eixos –*seis*, com a síntese à esquerda e a síntese à direita– ordenados de forma lógica, não arbitrária e não transitiva como “raios” de uma roda de eixos de polarização política. Esta roda do eixo fornece uma compreensão conceitual da relação entre esquerdas, populismo e direitos. Para as sociedades com presença de populismo, também serve para ordenar politicamente os diferentes sistemas partidários, incluindo as oposições partidárias. As noções de ângulos, arcos e arcos opostos assumem importância heurística central. Claro, os dois eixos das duas tiaras esquerda-direita podem muito bem ser suficientes para descrever (em um nível geral) as diferenças políticas partidárias das sociedades sem a existência de populismo –e sem a existência de separatismo, irredentismo ou pró-independência movimento. para um estado supranacional.

Ideologias ou famílias políticas *não* dão origem a categorias de esquerda e direita. Em vez disso, diferentes ideologias ou famílias políticas têm historicamente (e às vezes mudado) ênfase na priorização normativa de um, ou dois, dos pólos desses dois eixos. No geral, a roda de polarização política é uma ferramenta essencial, pelo menos na ciência política.

Ian PARENTEAU

### **A trajetória ideológica do populismo. As razões estruturais e ideológicas para o aumento contemporâneo da crítica das elites**

O populismo é um fenômeno crescente. De acordo com Brett Meyer, 17 líderes populistas detinham o poder no mundo em 2021; em 1990, esse número era 3.

(Ver Brett Meyer, “Populists in Power: Perils and Prospects in 2021”, Tony Blair Institute for Global Change, 18 de janeiro de 2021: <https://institute.global/policy/populists-power-perils-and-prospects-2021>).

Para muitos e do ponto de vista democrático, essa tendência é um sério motivo de preocupação. Impulsionados por uma crítica severa das elites e do fracasso das promessas liberais, os populistas tendem a compartilhar uma visão de mundo que deixa pouco espaço para a liberdade individual e a diversidade de opiniões. Se não for controlado, esse fenômeno levaria ao perigo da democracia.

Por que o populismo está crescendo? Deve ser temido? Em caso afirmativo, como deve ser combatido? Nesta apresentação, darei uma resposta breve a essas questões, traçando a trajetória ideológica do populismo. Uma série de fatores - como crescentes desigualdades econômicas; desindustrialização; imigração em massa e crescente demanda por diversidade - contribuíram e ainda contribuem para essa crítica da ordem liberal. Para combater com eficiência a visão de mundo populista que seus apoiadores atribuem, o populismo não deve ser o alvo principal, mas as queixas legítimas dos populistas que precisam ser resolvidas. Só então podemos esperar o retrocesso do populismo.

Mark R. REIFF

### **A insuportável resiliência do iliberalismo**

A ascensão de Donald Trump e Trumpismo, e a ascensão de formas semelhantes de iliberalismo em todo o que se pensava ser o mundo irrevogavelmente liberal-democrático, sugere que racismo, sexismo, xenofobia, ódio religioso e paranóia, homofobia, tribalismo, uma rejeição do Estado de direito e razão, e uma atração pelo autoritarismo é endêmica na psique humana e, portanto, na cultura humana.

O objetivo deste artigo é explicar como a complacência e a incompreensão dos preceitos do liberalismo permitiram que sua antítese surgisse novamente. Com base no trabalho de muitos pensadores iliberais tanto de direita quanto de esquerda, muitos dos quais são desconhecidos fora dos já iniciados, construirei uma descrição não convencionalmente densa de como as pressuposições fundamentais do liberalismo e do iliberalismo diferem, uma descrição que permite-nos ver que o eixo liberal-iliberal é tão importante e multifacetado quanto o eixo tradicional esquerda-direita ao longo do qual teóricos, políticos e partidos políticos têm sido tipicamente avaliados. Em seguida, discutirei como a batalha entre o liberalismo e o iliberalismo pode ser travada e, mais importante, o que conta como um argumento nessa batalha e o que não é. Pois não se pode usar um argumento baseado em uma pressuposição fundamental que o outro lado rejeita sem implorar a questão de qual conjunto de pressuposições fundamentais é correto, algo que explica por que os liberais e seus oponentes tantas vezes se encontram incapazes de entender um ao outro.

Finalmente, vou oferecer algumas sugestões sobre como os liberais podem responder com mais eficácia ao aumento do iliberalismo em suas próprias comunidades e em outras, explicar como podemos organizar e priorizar melhor nossos esforços para manter a atração sempre presente do iliberalismo sob controle.

Fabien SCHANG

### **Uma abordagem semiótica da clivagem esquerda-direita**

Em seu texto do ano 1931, *Qu'appellez-vous droite et gauche?* (O que você quer dizer com direita e esquerda?), o filósofo francês Emile-Auguste Charlier, aliás Alain, fez a seguinte declaração: “Quando me perguntam se a divisão entre partidos de direita e esquerda, entre pessoas de esquerda ou de direita, ainda tem algum significado, a primeira coisa que vem à mente é que quem faz a pergunta certamente não tem esquerda”. Tal afirmação parece contraditória, considerando que um agente é de direita quando duvida da relevância da distinção política esquerda-direita. Segue-se que qualquer pessoa que duvide assim é mentirosa ou vítima de uma crença equivocada? Embora uma alternativa plausível seja dizer que qualquer agente que não se considera à direita ou à esquerda é um centrista, ainda há alguma plausibilidade real na declaração de Alain.

O artigo destaca as raízes históricas da distinção política esquerda-direita, destacando suas principais motivações no final do século XVIII. Em seguida, defenderei a ideia de que a verdade da declaração de Alain repousa sobre uma explicação duplamente pragmática da esquerda e da direita: (a) no nível da ação política: os agentes de esquerda querem uma mudança na ordem social, não a agentes de direita; (b) no nível do discurso político: a consequência é que quem não se diz de esquerda nada faz para mudar a sociedade e, portanto, faz o mesmo que quem quer mantê-la sem fazer nada. Isso faz com que não estar à direita e estar à direita seja a mesma coisa, pragmaticamente falando. As várias auto-posições políticas serão revistas à luz da explicação acima, com a tentativa de definir as seguintes tendências: extrema esquerda, esquerda, centro, direita, extrema direita e o caso adicional do centro distante.

Carola SCHOOR

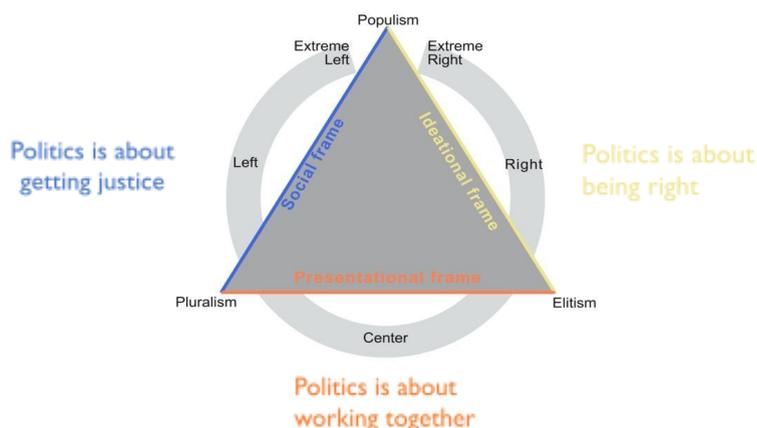
### O espectro esquerda-direita em relação ao populismo, elitismo e pluralismo

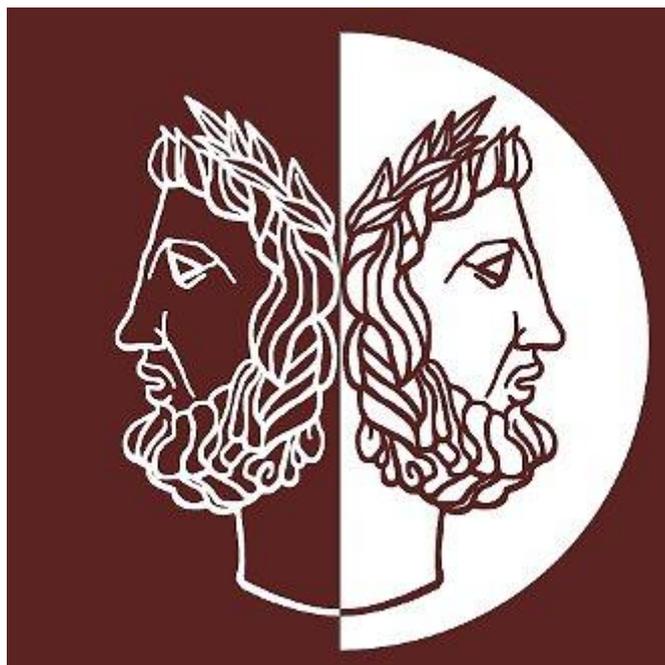
Nesta apresentação, discuto minha pesquisa sobre estilo político e sua relação com o espectro político esquerda-direita. O estilo político pode ser definido em termos de populismo, elitismo e pluralismo. A análise semiolinguística desses três conceitos mostra que seus significados estão estruturalmente ligados uns aos outros. Essa estrutura é a base de um modelo de análise de discurso e é usada para análises de discursos políticos em três contextos políticos: Estados Unidos, Reino Unido e Holanda. A partir dessas análises de discurso, emerge um padrão que aponta fortemente para uma conexão entre os conceitos políticos de esquerda, direita e centro com os estilos de populismo, elitismo e pluralismo. O padrão sugere que o populismo é a interseção entre esquerda e direita; elitismo entre direita e centro; pluralismo entre esquerda e centro. As intersecções indicam os momentos em que muda o quadro dominante de olhar para a política. Isso implica que a política de esquerda, direita e centro não é tanto uma questão de pontos de vista políticos, mas de enquadrar as questões políticas de diferentes dimensões.

Essa conceituação do populismo em relação ao espectro político esquerda-direita oferece uma alternativa ao chamado modelo ferradura. Considerando que o modelo da ferradura (corretamente) descreve o espectro esquerda-direita como uma curva em que a extrema esquerda e direita se aproximam (ver Figura 1), a conceituação do espectro esquerda-direita como um enquadramento de questão oferece uma explicação sólida para a observação de que a extrema esquerda e a direita têm mais em comum entre si do que com a política centrista. A explicação é que os políticos de direita consideram as questões políticas principalmente a partir do quadro ideativo, baseando-se em concepções tradicionais da realidade. Nesse quadro, a política diz respeito à verdade absoluta que deve ser seguida. Políticos de esquerda consideram a política de uma estrutura social: a política é principalmente sobre justiça social porque o que é visto principalmente como “verdadeiro” em uma sociedade, muitas vezes é vantajoso para os responsáveis porque eles dominam as narrativas convencionais. Os políticos centristas vêem a política de uma moldura comunicativa; a política não é estar certo ou obter justiça, mas sim colaboração e comunicação.

Conforme ilustrado na Figura 1, o populismo combina ‘estar certo’ (política de direita) e ‘obter justiça’ (política de esquerda). No elitismo, ‘estar certo’ (política de direita) encontra ‘trabalhar juntos’ (política de centro). O pluralismo combina ‘trabalhar juntos’ (política de centro) com ‘obter justiça’ (política de esquerda). Os mesmos pontos de vista políticos podem ser motivados a partir de quadros diferentes, o que explica por que esquerda, direita e centro muitas vezes compartilham pontos de vista; no entanto, eles não compartilham a proporção por trás desses pontos de vista.

**Figure 1:** O modelo triangular de populismo, elitismo e pluralismo baseado no modelo ferradura esquerda-direita.





**Pour assister au workshop:**

<https://www.youtube.com/c/FafilUFG>

**Informações:**

[schangfabien@gmail.com](mailto:schangfabien@gmail.com)

**Vídeo de apresentação:**

[https://www.youtube.com/watch?v=IJFNxLCsqhY&ab\\_channel=FabienSchang](https://www.youtube.com/watch?v=IJFNxLCsqhY&ab_channel=FabienSchang)

Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Faculdade de Filosofia (FAFIL)  
Av. Esperança, SN, Campus Samambaia - Conj. Itatiaia,  
Goiânia - GO, 74690-900  
Brasil